

INTRODUÇÃO AO TEMA

Zina Maria Bellodi SILVA*

Os trabalhos aqui apresentados são o resultado das preocupações do grupo, acrescido das de Maria do Carmo. Pela seqüência de nossos trabalhos, tal como aparecem no programa, poder-se-ia concluir que esse conjunto não forma uma unidade. Nós esperamos mostrar que nossa fala forma uma unidade na aparente diversidade.

Vejamos. A formação do professor de português (que é aquele que terá oportunidade de lidar com o literário) deveria implicar o desenvolvimento de uma consciência crítica sensível a diferenças de tradução, de versões diferentes em épocas diferentes e reescrituras de um mesmo mito, de uma mesma história, de um mesmo problema. Por exemplo, quando tomamos as versões cinematográficas de alguns contos tradicionais, transformados em expressões sentimentalóides, comoventes às lágrimas, percebemos, com clareza, a distância que se estabelece entre elas e os originais dos ditos contos. Essas versões cinematográficas conhecem publicações em forma de livros que, na sua essência, conservam a exuberância da película cinematográfica, com seu colorido e sentimentalismo distorcido, barateado, aviltado. Acontece que a massa tem acesso a essa versão, que, no nosso entender, é muitas vezes atraente como espetáculo passageiro para os olhos, mas pobre para o espírito, e é com essa versão que a massa convive e trabalha (isso quando chega a ter

* Docente do Programa de Pós-Graduação

acesso ao livro e ao cinema, porque, na verdade, tem acesso à televisão tão somente).

Adaptando uma fala antiga - "caldo de galinha e prudência não fazem mal a ninguém", diria "caldo de galinha e espírito crítico não fazem mal a ninguém", o que implica uma forma de prudência. Prudência (=espírito crítico) diante de um grupo de escolares que se tem pela frente, prudência diante de uma lista de livros que se indica para cada etapa da formação escolar. Quando digo prudência, não estou preocupada com qualquer outro detalhe senão o de ter sensibilidade para escolher o que é melhor, literariamente falando, para cada faixa etária e isso significa escolher o mais bonito e ao alcance do aluno. (Por isso ficou fácil identificar prudência/espírito crítico). O belo é, pela sua própria natureza, um fator de formação, um elemento transformador do homem, uma oportunidade de, a partir de sua contemplação, chegar à elevação do espírito, ao aperfeiçoamento individual que, deliberadamente ou não, refletirá no social.

Quando se convive com o sucesso do feio, com o reinado do mau gosto, percebe-se que há um enorme programa a ser pensado e desenvolvido. Refiro-me, por exemplo, aos quadros que são vendidos nas esquinas, às músicas populares veiculadas pelo rádio e pela televisão e, sobretudo aos textos aos quais, eventualmente, nosso escolar tem acesso e que acabam por embrutecer sua sensibilidade. Essa tarefa é, na simplicidade com que a estou apresentando, na verdade, um programa de vida.

O nosso ideal é contribuir para formar uma nova mentalidade que implica, concomitantemente, a preocupação com o incentivo à leitura, à formação do leitor e à formação do professor que se encarregará da tarefa de trabalhar com o texto literário em classe. Para nós, isso significa a possibilidade de melhorar a qualidade do ensino a partir do ensino de português que implica o conhecimento e o trabalho com o literário.

Lidaremos literatura com Infanto-juvenil hoje, mas temos consciência de que essa postura se aplica ao literário, quer dizer, precisamos formar o professor de literatura que, em alguns momentos, vai lidar com literatura infantil e juvenil e que essa categoria é literatura e não simplesza, parvoíce, pequenez. Para isso é preciso formar pessoas capazes de separar um relato de uma narrativa, uma série de versos de uma poesia, pessoas capazes de perceber que sob o mesmo título - literatura - se escondem o bom e o mau texto. A caminhada deverá levar ao crítico capaz de perceber a diferença entre a beleza e a fealdade. E mais, que essa tarefa começa na universidade e se estende ao ensino de 1º e 2º graus. É necessário haver uma biblioteca em cada escola, à qual todos os alunos, professores e funcionários tenham acesso e que sejam motivados a procurá-la. Essa preocupação está ligada à certeza de que nossos escolares de 1º e 2º graus não terão, em sua grande maioria, por questões culturais mais do que econômicas, quaisquer outras oportunidades, além das oferecidas pela escola, de entrar em contato com a literatura, monumento revelador do homem, que, nas escolas (públicas e privadas), muitas vezes, fica trancado a chaves, impedindo qualquer aproximação, qualquer contato. Com a alegação de que não há bibliotecário, por exemplo, fica-se à espera da situação ideal deixando de improvisar uma saída, através, por exemplo, da criação da figura do aluno que, no período que não tenha aula, se disponha a fazer um horário de atendimento ao público em condições que a escola estabeleceria, atendendo aos interesses dos alunos sem prejudicar o desempenho dos escolares encarregados desta tarefa.